

**A RELAÇÃO MÃE-FILHO NO PROJETO “MÚSICA PARA BEBÊS”:
UM ESTUDO SOBRE POSSÍVEIS INTERFERÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO MUSICAL DOS
BEBÊS**

**THE MOTHER-SON RELATIONSHIP IN THE PROJECT “MUSIC FOR BABIES”:
A STUDY ON LIKELY INTERFERENCES IN THE MUSICAL DEVELOPMENT OF
BABIES**

Kelly Stiff^{*}
Esther Beyer^{**}

Resumo

O presente estudo teve por objetivo analisar a relação mãe-filho, verificando a sua interferência no desenvolvimento musical dos bebês, com vistas a contribuir na elaboração dos programas de música para esta faixa etária. Os sujeitos foram treze bebês e seus responsáveis, participantes da atividade de extensão da UFRGS, “Música para Bebês”, em 1999. As aulas foram registradas em fitas de vídeo. Da observação dos vídeos extraiu-se padrões de ação característicos entre mãe/filho. A análise destas ações permitiu estabelecer relações com os elementos formadores do apego entre mãe/bebê, apontados por Klaus e Kennel (1989, 1992, 2000). Os resultados deste estudo sugerem o “Música para Bebês” como uma oportunidade de desenvolver o apego e de utilizá-lo para obtenção de maior desenvolvimento musical dos bebês.

Palavras Chave: Educação Musical: Bebê, Vínculo, Desenvolvimento.

Summary

The present study had the objective of analyzing the mother-child relationship, checking its interference in the musical development of babies, in order to contribute in the elaboration of the music programs for this age group. The subjects were thirteen babies and their responsible parent, participants of the extension activity of UFRGS, “Music for Babies”, in 1999. The classes were recorded in video tapes. By the studied observation of the videos we extracted typical action patterns between mother and child. The analysis of these actions allowed us to establish relationships with the attachment forming elements between mother and baby, pointed by Klaus and Kennel (1989, 1992, 2000). The results of this study suggest the “Music for Babies” activity as an opportunity to develop the attachment and of using it for obtaining a larger babies’ musical development.

Key-Words: Musical Education: Baby, Attachment, Development.

^{*} Licenciada em Educação Artística – Hab. Música pela UFRGS; ministrante do projeto “Música para Bebês” do departamento de extensão da UFRGS.

^{**} Doutora em Psicologia da Música, Universität Hamburg, Alemanha; Professora Adjunta do Departamento de Música de Instituto de Artes da UFRGS; Professora do Curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da UFRGS.

Observando os bebês

Este trabalho surgiu como um questionamento durante as aulas do Projeto "Música para Bebês", realizado no Departamento de Música/UFRGS. O projeto atende 60 bebês na idade de 0 a 24 meses, divididos em 6 diferentes grupos. Os 60 bebês recebem uma aula por semana, acompanhados preferencialmente de seus pais (mãe ou pai), avó, ou outra pessoa. As aulas envolvem atividades musicais variadas, seguindo uma rotina que se torna gradualmente conhecida para o bebê (Ver também Beyer, 2000).

O presente trabalho concentra seu olhar sobre as relações que se estabelecem na sala de aula entre mães e seus bebês. Tal foco surgiu de repetidas observações empíricas sobre diferentes atitudes e comportamentos adotados pelas mães em sala de aula: algumas conversavam entre si; outras, tímidas, nunca cantavam para seus bebês; ainda outras mães, explosivas, ralhavam frequentemente com a criança; algumas outras extremamente preocupadas que seu filho fizesse "tudo certo". Certamente estas diferentes atitudes em sala de aula teriam de levar a alguma repercussão sobre o desenvolvimento musical do bebê que vinha às aulas.

Assim, surgiu a questão de pesquisa: **Em que medida a mãe influencia o desenvolvimento musical do seu bebê através da sua participação?** A questão desmembra-se em outras duas:

- Que atitudes podem ser apontadas como positivas/negativas por parte da mãe?

- De que forma o bebê demonstra reagir à participação da mãe?

Neste trabalho, para fins de definição, será tomada a expressão "mãe" referindo-se não somente à mãe biológica, mas incluindo também a mãe adotiva, o pai (biológico ou adotivo), parentes próximos, babá, ou seja a pessoa que cuidar do bebê na sala de aula.

Os principais objetivos deste estudo foram, portanto, analisar a relação mãe-filho, verificando a interferência desta relação no desenvolvimento musical dos bebês, visando contribuir na elaboração dos programas de música para bebês, oferecendo subsídios consistentes para modificar as estratégias de ação no ambiente de aula no sentido de orientar as mães quanto à sua participação.

A formação do apego

A formação do apego entre mãe-bebê ocorre desde a concepção. Maldonado, Dickstein, Nahoum (1997: 23), falando do emocional da mãe no início da gravidez, apontam primeiramente para a existência de uma ambivalência de sentimentos, "do querer e do não querer, da aceitação, da alegria e do temor". Esta ambivalência pode persistir após a gravidez dependendo das circunstâncias temporais e sócio-afetivas em que se encontram os futuros pais. Mais adiante se intensificam as fantasias da mãe, que se tornam mais concretas em relação aos temores de morte durante o parto (sua ou do filho), e em relação ao filho mais especificamente: sua saúde (malformação ou deficiência), nascimento prematuro, ou alguma enfermidade grave. Todas estas vivências caracterizam o tipo de relação no vínculo mãe-filho posteriormente.

Klaus e Klaus (1989) relatam que desde os primeiros minutos de vida o bebê já está atento à diversidade de sons e imagens que o cercam. Assim, o parto deve ocorrer em um ambiente com iluminação adequada, o bebê deve permanecer os primeiros minutos com sua mãe e os berçários devem ser locais tranquilos, para contribuir na formação do apego.

Apego pode ser definido como um relacionamento ímpar entre duas pessoas, específico e duradouro ao longo do tempo. Embora seja difícil definir este relacionamento duradouro, operacionalmente temos usado como indicadores deste apego os comportamentos de apego tais como: acariciar, beijar, aconchegar, prolongadas trocas de olhar (...). O apego é crucial para a sobrevivência e desenvolvimento do bebê. O vínculo dos pais com seus filhos deve ser o mais forte de todos os laços humanos (Klaus & Kennel, 1992: 22-3).

Alguns autores apontam a existência de um período onde nasce o apego dos pais ao bebê, através de interações complexas entre eles, que tem sido chamado de "período sensitivo". Inúmeros relatos clínicos sugerem que as primeiras horas após o nascimento tem um significado especial para a mãe, apoiando a suposição da existência de um período sensitivo.

Mesmo considerando-se que o apego possa ser desenvolvido em outros momentos (segundo Parke, 1992: 74), Klaus e Kennel (1992), acharam em suas pesquisas inúmeros processos que são ativados para aproximar a mãe ao bebê, e o bebê à mãe, e que ocorrem especialmente nos primeiros dias de vida do bebê. Tais comportamentos não ocorrem como uma reação em cadeia, mas, em vez disso, cada comportamento desencadeia vários outros. Nisto vemos um sistema de segurança, que é determinado para assegurar a proximidade da mãe e do bebê. Os autores citam os seguintes elementos de interação:

Direção mãe – bebê:

- I. Toque: é o interesse da mãe em tocar o bebê, num padrão que se inicia com o toque com a ponta dos dedos no bebê, seguindo, para a massagem, carícia e contato envolvente da palma da mão com o tronco do bebê.
- II. Contato olho a olho: é o forte interesse das mães em ver os olhos do bebê, em segurar seu bebê na posição face-a-face e observá-los. Robson (1967, apud Klaus & Kennel, 1992) afirma que o olho tem características mais estimulantes ao contato visual do que outras partes do corpo, como o brilho do globo, a mobilidade, o colorido, a variação de diâmetro da pupila e as variações na largura da fissura palpebral, daí o interesse da mãe e do bebê pelo contato visual.
- III. A voz da mãe: os recém-nascidos discriminam vozes e tem preferência pela voz da mãe, mas não pela voz do pai. Os pais e mães ajustam a fala, utilizando frases mais curtas e repetidas, e tonalidade mais aguda (voz infantilizada).
- IV. Emparelhamento: comunicação humana através de movimentos. Quando uma pessoa fala, várias partes do seu corpo se movimentam, bem como o corpo do ouvinte, com movimentos em sincronia com a fala, criando uma espécie de dança. Observações feitas por Condon e Sander (1974, apud Klaus & Kennel, 1992) apontam que os recém-nascidos também se movem de acordo com a estrutura da fala adulta. Isso

revela um complexo sistema de interação, através do qual a organização do comportamento motor do neonato é suscitada e sincronizada por um padrão organizado do falar dos adultos em seu ambiente. Se o bebê, desde o início, move-se em um ritmo definido, compartilhado com a organização da estrutura da fala de sua cultura, então participa, evolutivamente, através de processos complexos e sócio-biológicos de emparelhamento, de milhões de repetições das formas lingüísti-

cas, bem antes dele utilizá-las na fala e na comunicação (Idem: 96).

V. Função de aguardar: é a sensibilidade da mãe para aguardar os períodos em que o bebê está em estado alerta para interagir.

VI. Linfócitos T e B, macrófagos A, secretores e

VII. Flora nasal bacteriana: Ambos como mecanismos de proteção contra doenças infecciosas, sendo o primeiro encontrado no leite materno (colostro) e o segundo, na respiração da mãe.

VIII. Odor: recém-nascidos sabem discernir o odor do leite de sua mãe em relação ao leite de outras mães.

IX. Calor: o calor materno mantém aquecido o bebê sobre o seu peito; na posição face-a-face as mães costumam manter uma distância média de 22,5 cm, que é considerada a "distância íntima", onde o calor é percebido pelo parceiro.

Direção bebê – mãe:

I. Contato olho-a-olho: a distância entre os olhos do bebê e da mãe, quando ela está amamentando ou segurando-o em seus braços (cerca de 25 cm), é a que permite melhor focalização do objeto para o bebê, ocorrendo em repetidas ocasiões durante o atendimento da mãe ao bebê. O olhar do recém-nascido, que se move para acompanhar os olhos do adulto, tem uma atração irresistível e um significado emocional no adulto.

II. Choro: "o choro do bebê causa uma mudança fisiológica na mãe, que costuma induzi-la a amamentar" (Idem: 100). As mães também são capazes de identificar o choro de seus próprios bebês logo após o nascimento.

III. Oxitocina: o estímulo que o bebê produz na mãe, apressando a contração uterina e reduzindo o sangramento pós-parto. A sucção também acalma a mãe e aumenta o vínculo mãe-filho.

IV. Prolactina: as concentrações de prolactina aumentam durante a gravidez, diminuem rapidamente no período pós-parto; mas sempre que o mamilo é tocado, há um aumento de 4 a 6 vezes no nível de prolactina.

V. Odor: as mães também reconhecem o odor de seus bebês por volta do terceiro ou quarto dia.

VI. Emparelhamento: os pais precisam receber uma resposta de seus bebês, movimentos corporais ou oculares, para desenvolverem o vínculo.

Alguns elementos dessa interação inicial permanecem por mais algum tempo: o toque, o contato olho-a-olho, a voz em tom agudo, o emparelhamento, a função de aguardar, o odor, o calor. Desta forma poderia se utilizar esses elementos para intensificar o vínculo mãe-bebê nos encontros de Música para Bebês resultando em maior aproveitamento das atividades e desenvolvimento musical.

Rumo à investigação

Para realizar esta pesquisa, foram escolhidos treze bebês e seus respectivos responsáveis, de classe média, participantes do Música para Bebês. As aulas foram ministradas pela professora Dr. Esther Beyer e registradas em fitas de vídeo, as quais constituem-se dados principais desta pesquisa. A abordagem pedagógica caracteriza-se por priorizar a presença do responsável em sala de aula, por proporcionar ao

bebê um ambiente de liberdade de participação, onde ele possa escolher realizar ou não as atividades e busca também, valorizar todas as reações do bebê às estimulações (visuais, auditivas, táteis, motrizes, etc.), considerando-as meios de construção de conhecimento musical.

Os sujeitos tiveram aulas semanais com duração de uma hora durante um semestre. Alguns bebês cursavam então o seu segundo semestre de aulas de música. De todas as aulas registradas em vídeo escolhemos duas, uma do início do semestre e outra do final, totalizando duas horas e treze minutos de gravação. A análise dos dados foi realizada de forma criteriosa e sistemática sendo a observação do vídeo dividida em: 1) análise do filme na velocidade normal, para garantir a perspectiva geral da situação estudada; 2) análise do filme na velocidade lenta, quadro a quadro, para dar maior aprofundamento e detalhamento das imagens.

Após a observação e registro da transcrição detalhada de cada cena estudada, os dados foram interpretados segundo o marco teórico em questão. Basicamente, foi realizada uma leitura das ações ocorridas em aula, sendo estas classificadas segundo a origem (da mãe ou do bebê). As ações originadas na mãe foram interpretadas como positivas ou negativas, e as ações do bebê foram registradas como reações, ou respostas à ação da mãe, como vemos no quadro a seguir:

Comportamento Materno		Reação do Bebê
A mãe de E conversou com ela durante o momento de dança	+	E , que estava distraída passou a concentrar-se na atividade
Babá de M não interagiu com ela no momento de audição	-	M não aproveita a audição pois está distraída, brincando com o recurso (mola)
Mãe de L olha mais para os outros bebês do que para o seu durante a dança	-	O bebê movimenta as pernas no ritmo exato da música, mas sua mãe não percebe
Mãe de E segura e balança o bebê como se estivesse nanando-o enquanto canta a canção do bebê	+	E corresponde ao carinho de sua mãe aconchegando-se em seus braços, beijando-a

A análise das ações ocorridas entre as diferentes duplas poderia ser sintetizada em quatro diferentes modos típicos de ação e interação. Os tipos de interação estão aqui colocados de forma mais polarizada, para permitir uma sistematização das características mais comuns neles encontradas. Porém, as mães interagem com seus bebês em modos híbridos, ou seja, em um misto entre dois ou mais modos. Ocasionalmente, em função de fatores externos (mãe chegou atrasada, problemas de saúde com a criança ou com a mãe, volta das férias, etc.), observamos que as mães alteram seu modo típico de ação, retornando às vezes ao anterior quando esta situação se normaliza.

1) Mãe retraída ou distraída: é a mãe (ou pai) que por razões diversas não quer cantar ou dançar junto, ou então realiza o mínimo de atividades. Muitas vezes

canta muito baixinho, quando solicitada a dançar, restringe-se a balançar de leve a criança. Ex.:

A babá de V1 não conversa com ela durante o momento de verbalização com espelhos (no começo da atividade)	-	V1 está dispersa, não verbaliza nem se olha no espelho
---	---	--

2) Mãe hiper-participante: esta mãe participa intensamente de todas as atividades, ela mesma quer experimentar todos os brinquedos e materiais, e assim às vezes até esquece de seu bebê. Neste modo de interação freqüentemente ocorrem competições e conflitos entre mãe e bebê pelo uso dos materiais.

No momento do ritmo a avó de L1 segura o braço do bebê que está no seu colo tentando tocar um guizo	-	Este bebê foi manipulado durante a atividade; não pôde expressar-se, nem teve um modelo para seguir
---	---	---

3) Mãe perfeita: esta mãe que está sempre ocupada que seu bebê faça todos os exercícios corretamente. Se nesse caso o bebê não souber bater ou balançar "certo", ela mesma se ocupa de fazer a atividade corretamente pelo bebê, ou então de tomar seu braço ou perna balançá-lo corretamente. Note-se que o bebê tem poucas opções para experimentos: ou ele acerta na primeira tentativa – o que em geral é difícil – ou a mãe age por ele ou sobre ele.

A mãe de E segurou a bolinha rítmica e fez o movimento correto na frente do bebê	-	Embora a mãe de E fizesse o ritmo correto, E teve apenas uma experiência visual; não pode expressar-se ritmicamente através do instrumento
--	---	--

4) Mãe equilibrada: ela estimula que seu bebê participe, mas também permite que o mesmo explore e demore para acertar. Em determinados momentos, cutuca e chama sua atenção quanto à atividade que está acontecendo, mas está sensível a certos momentos que o bebê está cansado, ou simplesmente parou para observar outros.

Durante a massagem E está muito inquieta e sua mãe busca diferentes posições para acomodá-la.	+	E acalmava-se em alguns momentos e aproveitava a massagem
Na atividade rítmica a mãe de AR deixou que seu bebê segurasse a bolinha rítmica e percutiu sobre o onjeto, reforçando o movimento do bebê.	+	AR teve percepção visual e tátil do ritmo trabalhado e maior aproveitamento deste momento

Chegou-se à conclusão que o modo que mais dava espaço para o desenvolvimento musical do bebê era o da mãe equilibrada e que o modo de interação ia se modificando durante as aulas, rumo a ações mais equilibradas, onde o bebê tinha espaço para explorar livremente e também "errar" e a mãe estava disponível para assessorar o bebê quando ele precisava.

Os dados coletados evidenciam que se a mãe tem um comportamento no sentido de estimular o bebê, conversar com ele, olhar para ele, estar sensível às suas necessidades, o bebê responde com maior interesse e tem um aproveitamento mais satisfatório da aula. Do contrário, se a mãe tem uma postura mais distante, menos participativa, o bebê torna-se mais agitado, distraído, e tem o aproveitamento prejudicado, conseqüentemente tem menor desenvolvimento musical.

Klaus e Kennel (1992) citaram elementos de vinculação que aproximam mãe-filho especialmente nos primeiros dias de vida. Entretanto os autores concordam que estes vínculos são estabelecidos num processo, que inicia no nascimento, ou antes dele, e continua durante toda vida. Desta forma, podemos pensar nos encontros de Música para Bebês primeiramente como uma oportunidade de desenvolver o apego. Posteriormente, é possível canalizar os resultados de uma relação de apego forte entre mãe-bebê para obtermos um maior desenvolvimento musical dos bebês.

Bibliografia

BEYER, Esther. A construção do conhecimento no Projeto "Música para Bebês". In: III Seminário de Pesquisa Região Sul - ANPPED. *Anais do III Seminário de Pesquisa Região Sul (ANPPED)*. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2000.

MALDONADO Maria Tereza; DICKSTEIN Julio; NAHOUM Jean Claude. *Nós estamos grávidos*. São Paulo: Saraiva, 1997.

KLAUS, Marshall H. & KENNEL, John . *Pais/bebê, a formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KLAUS M.; KENNEL J.; KLAUS P. *Vínculo, construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KLAUS, Marshall & KLAUS, Phyllis. *O surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PARKE, R.D. Comentário. In: KLAUS, M. & KENNEL, J. *Pais/bebê, a formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. P.74.